

RESENHA

SOUZA, Sérgio Luiz. (Re) vivências negras: entre batuques, bailados e devoções: práticas culturais e territórios negros no interior paulista (1910-1950)¹

Alexandre Emboaba da Costa

Doutorando pela Cornell University, Estados Unidos

Departamento de Development Sociology

E-mail: aed4@cornell.edu

Sérgio Luiz de Souza, doutorando em Sociologia na UNESP - Campus Araraquara, publicou em 2007 o livro *(Re) vivências Negras: Entre Batuques, Bailados e Devoções*. Nesta obra, que foi o mestrado de Souza defendido em 2005, o autor analisa as práticas sociais e culturais das populações negras entre as décadas de 1910 e 1950 na cidade de Ribeirão Preto, no interior Paulista. Souza, um dos primeiros pesquisadores a abordar o tema da experiência afro-brasileira em Ribeirão Preto, analisa as diversas formas de convivência, sociabilidade, e organização deste grupo. Os objetivos da obra são refletir sobre as realidades culturais negras em Ribeirão Preto e repensar como os negros reinventaram espaços culturais de convivência e caminhos de mediação com os grupos brancos. A obra revela os afro-ribeirão-pretanos como sujeitos ativos, criadores de sua própria história dentro de um contexto adverso de imigração Européia e desenvolvimento econômico e urbano na capital cafeeira.

O livro divide-se em 6 partes contando com o Prefácio do Professor Dr. Dagoberto José Fonseca, docente do Departamento de Antropologia, Política e Filosofia da UNESP—Campus Araraquara e orientador de Souza. No primeiro capítulo, Souza descreve a metodologia da história oral e memória para examinar populações e culturas negras. As fontes principais do estudo são histórias orais e memórias de 14 negros e

¹ A edição deste livro foi feita pelo Souza e lançado com apoio de entidades comunitárias, particulares, e governamentais em Ribeirão Preto e entidades educacionais em Araraquara." Para adquirir o livro ou mais informações, escrevam para Souza no e-mail: srgioluz@yahoo.com.br.

negras antigos/as de Ribeirão Preto, analisados para “interpretar os significados das instituições, dos espaços e das festas freqüentadas e/ou criadas pelo grupo na constituição de sua identidade cultural” e para “avaliar quais foram os referenciais culturais e as estratégias políticas utilizadas pelos afro-brasileiros” (Souza 2007, p. 29). Souza trata as lembranças como re-construções de memórias significantes das experiências vividas pelos próprios agentes e grupos sociais, fatos que marcaram a vida do indivíduo e de sua coletividade e que revelam as relações e experiências de poder e resistência no contexto social da época. Nesta obra, a memória e história oral constitui uma fonte importante e significativa para “estudos relativos às populações desterritorializadas e constituídas num processo de diáspora” onde a história escrita e oficial excluiu ou ocultou as experiências e registros desses grupos (Souza 2007, p. 21). Deste modo, a obra trata a sabedoria dos entrevistados baseado na experiência de ser negro no Brasil como um rico registro de informação histórica.

O segundo capítulo examina como conceituações Eurocêntricas de progresso e civilização influenciaram o projeto burguês dos cafeicultores ribeirão-pretanos, algo refletindo processos em outras cidades de São Paulo na época. Como Souza mostra, a tendência era construir uma cidade em sintonia com o projeto civilizatório das nações Européias, refletindo a estética e cultura do velho continente. Alguns influentes senhores do café e elites da região, como Dr. Luiz Pereira Barreto e Martinho Prado, se faziam ouvir no parlamento e outros fóruns expressando um medo da “onda negra” e uma visão negativa sobre a habilidade de ex-escravos e negros de se adaptar ao trabalho livre e aos padrões modernos de higiene e moralidade.

“Com este pano de fundo ideológico é que o antigo escravizado tornou - se alguém a ser afastado e, junto com ele, as aparências de pobreza e de hábitos considerados não civilizados e de sujeira. Em Ribeirão Preto, este conjunto de representações sobre as populações negras permeou as relações sociais com intensidade...” (Souza 2007, p. 87)

Traçando esse processo com muita lucidez, o Souza analisa como esta visão influenciou a produção de um espaço racializado que limitava acesso da população negra (que constituía 13,9% da população nessas décadas) a certos locais e estabelecimentos no centro da cidade.

Neste mesmo capítulo, baseando-se no trabalho de Muniz Sodré (1988), Souza elabora sua conceituação dos espaços de cultura e convivência negra como território, no

sentido de locais dinâmicos onde as dimensões físicas e simbólicas interagem num “jogo” de regras e resultados determinados pelas ações e comportamentos dos membros do grupo. Estes criam-se as características que irão dar sentido às práticas sociais. Assim, a territorialidade negra constrói “pedaços,” que,

“..constituído como um sistema... estabelecida em sinais exteriores de reconhecimento traduzidos nas roupas, na postura corporal, na linguagem e outros referenciais simbólicos, confere-lhe a possibilidade de ‘locomover-se.’ Deste modo, ‘o pedaço’ pode migrar por diferentes territórios do espaço urbano, representando vínculos e princípios de diferenciação estabelecidos pelo grupo.” (Magnani 1998, *apud* Souza 2007, p. 100)

No capítulo três, Souza analisa como esses territórios—criados por diversas práticas e associações como bailes, jogos de futebol, procissões religiosas, batuques e sociedades carnavalescas—constituem locais para a manutenção das relações de solidariedade, as temporalidades, e as convivências negras. Aqui, usando as histórias e memórias de entrevistados, Souza apresenta concretamente o contexto socioeconômico de desigualdade raciais e o imaginário racista em Ribeirão Preto — a exclusão dos clubes sociais, experiências do racismo diário, o limitado acesso à educação, e a separação racial no uso da praça central da cidade, a Praça XV. Souza mostra que, apesar dessas divisões e limitações, ocupar e transformar espaços como a do “lado negro da Praça XV” ou a rota da procissão do carnaval acabaram servindo como “ato[s] político[s] de conquista do espaço” (Souza 2007, p. 127), enquanto os bailes, campos de futebol, e sociedades culturais e carnavalescas constituem uma afirmação sociocultural dentro de práticas e espaços próprios de convívio. Com algumas dessas associações, os afro-ribeirão-pretanos conseguiram conquistar espaços na cidade e “apresentar outras imagens a respeito de si, conquistando respeitabilidade e abrindo caminhos para a ocupação e o estabelecimento de suas formas de viver em espaços antes [vedados] aos negros na cidade” (Souza 2007, p. 185-6).

A metodologia e teoria desenvolvida no trabalho de Souza contribui para o campo de pesquisas sobre estratégias de uso e transformação do espaço urbano na construção de identidade e espaços próprios pelos Afro-Brasileiros. Ao revelar a sociabilidade dos negros dentro de seus espaços e a movimentação e transição de seus “pedaços” no território urbano de Ribeirão Preto, Souza demonstra que navegar espaços racializados é um processo dinâmico e relacional, onde os seres (re)constróem maneiras de lidar com a exclusão e adversidade. Das histórias e memórias dos entrevistados, o poder da

territorialidade negra emerge enquanto habilidade de interagir com práticas dominantes e mediar os efeitos repressivos e negativos da regulação de espaços e práticas sociais. Nos diversos casos, tanto naqueles que inserem-se em locais dominados pela elite como as que acontecem nos bairros “além rios” onde residiam a maioria dos negros da cidade, a territorialidade negra quebra padrões das práticas que visam dominar negros e negras e desmontar sua cultura, solidariedade e resistência.

Souza poderia examinar um pouco mais a relação das territorialidades negras com a desestabilização ou reprodução do poder político-hegemônico e das elites na cidade. Ou seja, examinar quais foram as mais amplas conseqüências políticas, econômicas e sociais nas instituições do poder local. Mesmo assim, a obra de Souza oferece a perspectiva de que negros e negras em diversas atividades e instituições conseguiram navegar o poder para, determinar em certas instâncias a trajetória de suas formas de sociabilidade, cultura, e lazer. Importaneamente, o trabalho de Souza assegura a legitimidade da experiência afro-brasileira como fonte significativa sobre o que foi (e ainda é) ser Brasileiro, desacreditando uma noção presente em discursos contemporâneos contra políticas públicas antiracistas, a de que a experiência vivida e a memória de negros e negras não representam fontes válidas para entender a experiência de ser Brasileiro.

Bibliografia:

SODRÉ, Muniz. O Terreiro e a Cidade: a formação social negro brasileira. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

SOUZA, Sérgio Luiz de. *(Re)Vivências Negras: Entre Batuques, Bailados e Devoções*. Ribeirão Preto: S. L. de Souza, 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedaco: cultura e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1998.